

22-12-2020

JESUS CRISTO

O FUNCIONÁRIO DO MÊS

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Eu odeio amar o Natal. Todo ano encho-me de uma alegria idiota. Eu deveria enraivecêr-me e vociferar cantos de ódio, mas não consigo. Cobiço o peru assado, eu nem gosto da carne que fala “gluglu”, porém desde criança encanto-me com a propaganda do termômetro que supita. Retribuo as felicitações dos estranhos com um sorriso fácil e devolvo o “Feliz Natal”. Logo eu que detesto movimentar os lábios para o rotineiro bom dia. Não era pra ser assim, eu sou ateu desde os 5 anos de idade e tenho sérias críticas ao capitalismo. Mas, no Natal, que seria o dia da batalha final na guerra que travo, eu baixo a guarda. Goiânia é embrulhada por uma esperança celofane: plástica, brilhosa, barulhenta e ressequida. Embrulhos amontoam-se e disputam espaço com cinismo perverso dos dias que não são natalinos.

A festa da bondade. As casas fartas fartam-se de carneiros e picanhas assadas. Comemos os animais que estavam vivos com Maria no dia do seu parto.

Isso tudo pra dizer ao mundo que comemoramos o nascimento de um menino miserável, filho de uma virgem e órfão de um pai encarnado. Jesus foi parido no chão, numa mistura de palha, placenta e choro; o anfitrião é pobre demais para ser o protagonista.

No intervalo entre carne e alma, esperamos um velho obeso e afortunado cortar os céus num trenó; ele jogará presentes aos escolhidos por bom comportamento. O Natal é cortejo da modernidade, sendo uma mistura de miséria nua e opulência acolchoada. A cronologia segue: nasce no dia 25 de dezembro, ano novo, carnaval, quaresma e sexta-feira da paixão. No sábado, a aleluia e no domingo, a Páscoa. Cristo vivo não passa de abril.

O calendário cristão não deu muito tempo de vida a Jesus. Receio que o motivo seja que bondade e altruísmo o ano todo não tem cristão que agente e a crise seria feia nos mais diversos setores sacro-indumentários. Entre a ressurreição e o nascimento, são quase 8 meses sem imposto de renda espiritual.

Você sonega o pão, ajoelha para a hóstia, beija a mão

santa, grita pela salvação. Os líderes religiosos são contadores experts para te tirar da malha fina divina. Ninguém quer ser Cristo. Messias, no último suspiro da cruz, pediu perdão aos seus algozes. Gostamos de Cristo como gostamos da doméstica: mesmo sendo humilhada pede desculpas à patroa. Gostamos de Cristo como aplaudimos o jogador de bola que se faz de humilde e agradecido. Admiramo-los, mas não queremos sê-los. Cobiçamos um santo para ser nosso empregado, um faz de tudo que satisfaça e facilite nossa vida mundana. O melhor tipo de empregado é aquele que é fiel, a publicidade da subserviência fez até slogan “Deus é...”. No desejo de sucesso, abrimos o coração para o Papai Noel, ele é o nosso *alter-ego*.

O “hohoho” é a gargalhada de quem lucra com trabalho alheio. O Santo sofreu 40 dias sem pegar licença médica e foi crucificado numa sexta-feira; morreu com a nudez semelhante à que nasceu.

Aos 33 anos, o corpo estava exaurido de chicotadas. Na cruz, olhou para o céu e pediu ajuda ao Papai Noel.

O lapônio fantasiou-se de judeu para exercer seu direito de apedrejar. O sangue santo escorreu na sexta, talhou no sábado e fez-se chocolate no domingo. Lambemos os dedos com o sangue amanteigado e rimos com os dentes sujos. Na segunda, com diarreia, defecamos, e para evitar a náusea do que realmente somos: descarga. Viva a Páscoa do esquecimento.

Os desertos de alma sorvem com o açúcar tirado do suor, lá estão os anônimos chicoteados. Nos canaviais, vejo os estigmas feitos por farpas, ainda é tempo de carregar o maço que alegra a diabetes romana.

Cristo não ressuscitou; no mundo da miséria, todo dia nasce um outro messias para carregar a cruz do trabalho. Precisa-se apenas de um dia de luto para esquecer o sofrimento do santo funcionário.

Quanto tempo cabe para esquecer os trabalhadores mortos, que são filhos de mães sem hímen e pais de carne e osso? Por princípio de justiça produtivista, o funcionário do mês merece sua imagem pregada nas paredes. Nesse quesito, os cristãos exibem exímia competência, lá está a imagem estampada no para-brisa do caminhão, na sala e nas paredes do corpo.

Somos tão eficazes que fizemos monumentos gigantescos para celebrar aquele que morreu para salvar o lucro do final do mês. Eu odeio amar o Natal.

Torno-me tão próximo aos meus semelhantes
a ponto de amá-los.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.